1898 ARTHUR CONAN DOYLE

O gato brasileiro

TRADUÇÃO DE CAROLINA CAIRES COELHO

SÉRIE CONTOS DO ASSOMBRO
SOCIEDADE DAS RELÍQUIAS LITERÁRIAS

SRL

1898 ARTHUR CONAN DOYLE

O gato brasileiro

TRADUÇÃO DE CAROLINA CAIRES COELHO

SÉRIE CONTOS DO ASSOMBRO
SOCIEDADE DAS RELÍQUIAS LITERÁRIAS

SRL

Tradução:

Carolina Caires Coelho

Revisão e preparação:

Cristina Lasaitis

Capa e projeto gráfico:

Marina Avila

Ilustração de capa:

Mari Morgan

2020

O gato brasileiro

Arthur Conan Doyle, 1898

É falta de sorte para um jovem rapaz ter gostos caros, grandes expectativas, ligações aristocráticas, mas não ter dinheiro no bolso e nenhuma profissão por meio da qual se sustentar. A verdade é que meu pai, um homem bom, disposto e fácil de lidar, tinha tanta confiança na riqueza e bondade de seu irmão mais velho solteirão, Lorde Southerton, que não pensou que eu, seu único filho, tivesse que ganhar meu próprio sustento. Ele imaginou que se não houvesse uma vaga para mim nas grandes propriedades dos Southerton, pelo menos uma vaga seria encontrada naquele serviço diplomático que continua sendo o domínio especial de nossas classes privilegiadas. Ele morreu cedo demais para se dar conta de como tinha se enganado.

Nem meu tio, nem o Estado deram qualquer atenção a mim, nem sequer demonstraram interesse por minha carreira. Alguns faisões ou uma cesta de carne de lebre era tudo o que chegava a mim para que eu me lembrasse de que era herdeiro da Casa de Otwell, uma das famílias mais ricas do país. Enquanto isso, eu me via um solteirão pela cidade, vivendo em alguns apartamentos em Grosvenor Mansions, sem emprego, exceto pelo trabalho de atirar em pombos e jogar polo em Hurlingham. Mês a mês, eu notei que ficava cada vez mais difícil fazer com que os agentes renovassem meu aluguel ou conseguir liberar os seguros de propriedades pós-óbito. O fracasso se aproximava do meu caminho, e todos os dias eu o via com mais clareza, mais perto e totalmente inevitável.

O que fazia com que eu percebesse minha pobreza ainda mais era que, com exceção da grande riqueza de Lorde Southerton, todas as minhas outras relações eram razoavelmente bem-sucedidas. A mais próxima delas eu mantinha com Everard King, sobrinho de meu pai e meu primo de primeiro grau, que havia vivido uma vida de aventuras no Brasil, e que tinha voltado a este país para sossegar com sua

riqueza. Nós nunca soubemos como ele ganhou dinheiro, mas parecia ter muito dele, pois comprou uma propriedade em Greylands, perto de Clipton-on-the-Marsh, em Suffolk. Durante o primeiro ano de sua vida na Inglaterra, ele não deu a mínima atenção para mim, assim como não me dava meu tio mesquinho; mas por fim, em uma manhã de verão, para meu grande alívio e alegria, recebi uma carta na qual ele me pedia para visitá-lo naquele dia no Solar de Greylands. Na época, eu pensei que faria uma visita demorada ao Tribunal de Falências, na época, e essa interrupção me pareceu bem providencial. Se eu pudesse ganhar a amizade desse parente desconhecido, poderia me dar bem. Pelo bem da família, ele não poderia simplesmente me deixar à míngua. Mandei meu criado preparar minha mala e parti naquela mesma tarde em direção a Clipton-on-the-Marsh.

Depois de descer em Ipswich, um bonde me deixou em uma pequena estação deserta no meio de uma propriedade verdejante, com um rio comprido dando voltas entre vales e barrancas altas e assoreadas, que mostravam que estávamos perto da maré. Nenhuma carruagem me esperava (descobri depois que meu telegrama chegou atrasado), por isso chamei um transporte na hospedaria da região. O condutor, um homem excelente, foi só elogios para meus parentes, e eu soube por ele que o sr. Everard King era um nome de respeito naquela parte do país. Ele havia recebido as crianças das escolas, aberto as propriedades a visitantes, ajudado casas de caridade — resumindo, sua bondade era tão grande que meu condutor só conseguia justificar tudo aquilo supondo que ele tinha ambições para o Parlamento.

Eu me distraí do panegírico de meu condutor ao ver um pássaro que pousou no poste de telégrafo à beira da estrada. A princípio, pensei se tratar de um gaio, mas era maior, com uma plumagem mais colorida. O condutor notou sua presença e comentou que ele pertencia ao mesmo homem que estávamos prestes a visitar. Parece que o trato de criaturas exóticas era um de seus passatempos, e que ele havia trazido do Brasil vários pássaros e animais que pretendia criar na Inglaterra. Quando passamos pelos portões de Greylands Park, tivemos prova clara dessa sua preferência. Um pequeno cervo pintado, um javali estranho que, creio eu, era chamado de queixada, um papa-figo de belas penas, uma espécie de tatu e um animal bem peculiar, com as patas voltadas para dentro que mais parecia um texugo muito grande, estavam entre as criaturas que eu observei enquanto passávamos pelo amplo caminho.

O sr. Everard King, meu primo desconhecido, estava de pé nos degraus de sua casa, pois tinha nos visto à distância, e

imaginou ser eu. Sua aparência era comum e benevolente, ele era baixo e atarracado, de 45 anos, talvez, com um rosto redondo e bem-humorado, bronzeado pelo sol tropical e marcado por mil rugas. Usava roupas brancas de linho, bem simples, com um charuto entre os lábios e um grande chapéu Panamá no topo da cabeça. Era o tipo de homem que associamos a uma casa com varanda, e parecia curiosamente deslocado na frente de sua ampla mansão inglesa de pedra, com cômodos firmes e colunas palladianas na frente da entrada.

— Minha querida! — ele gritou, olhando para trás. — Minha querida, nosso convidado chegou! Bem-vindo, bem-vindo a Greylands! Estou encantado por conhecê-lo, primo Marshall, e vejo como uma grande honra sua presença neste lugar.

Não havia como sua atitude ser mais carinhosa, e ele me deixou à vontade na hora. Mas foi preciso toda a sua cordialidade para compensar a frieza e até grosseria de sua esposa, uma mulher alta e de aparência desleixada, que apareceu quando ele chamou. Acredito que ela era brasileira, apesar de falar um inglês excelente, e eu justifiquei seus maus modos levando em conta a ignorância dela acerca de nossos costumes. Mas ela não tentou esconder, naquele momento e também depois, que eu não era um visitante bem-vindo em Greylands Court. O que ela disse foi, de modo geral, cortês, mas ela era dona de dois olhos escuros muito expressivos, e eu vi neles, com muita clareza desde o primeiro momento, que ela desejava profundamente que eu voltasse para Londres.

Mas minhas dívidas eram muito urgentes e minhas intenções em relação a meu parente abastado eram vitais demais para que eu permitisse que a antipatia da esposa dele me desanimasse, por isso ignorei sua frieza e retribuí a enorme cordialidade da recepção dele. Ele não havia poupado esforços para me deixar à vontade. Meu quarto era charmoso. Ele implorou que eu lhe dissesse o que poderia aumentar minha satisfação. Estava na ponta de minha língua informar a ele que um cheque em branco me ajudaria materialmente nesse sentido, mas senti que poderia ser muito prematuro para o estado de nossa interação naquele momento. O jantar estava excelente, e durante o tempo que passamos juntos fumando seus charutos Havana e bebendo café após a refeição ele me contou que tirava toda a sua renda de suas plantações, e tive a impressão de que os elogios de meu condutor eram justificados, e que eu nunca tinha conhecido um homem tão generoso e hospitaleiro.

Mas apesar de sua natureza bem-humorada, ele era um homem de pulso firme e pavio curto. Disso eu tive um exemplo na manhã seguinte. A curiosa aversão que a sra. Everard King tinha nutrido em relação a mim foi tão forte que os modos dela na hora do café da manhã foram quase ofensivos. Mas sua intenção se tornou impossível de não notar quando seu marido saiu da sala.

— O melhor trem do dia sai ao meio-dia e quinze — disse ela.

— Mas eu não estava pensando em partir hoje — respondi com franqueza. Talvez tenha dito isso até mesmo com certa ousadia, pois estava determinado a não ser vencido por aquela mulher.

— Oh, se depender do senhor — disse ela, e parou com um olhar insolente.

— Tenho certeza — respondi —, de que o sr. Everard King me diria se eu estivesse abusando de sua receptividade.

— O que é isso? O que é isso? — disse alguém, e ali estava ele na sala. Ele havia escutado minhas últimas palavras, e, ao ver nossos rostos, entendeu o resto. Em um instante, seu rosto gorducho e alegre ganhou uma expressão de completa ferocidade.

— Você se incomodaria de ir um pouco lá fora, Marshall? — disse ele. (Devo mencionar que meu nome é Marshall King.)

Ele fechou a porta quando saí, e então, por um instante, eu o escutei falar com uma voz muito baixa e intensa com sua esposa. Aquele lapso na hospitalidade evidentemente o havia irritado. Não sou de ouvir conversa alheia, por isso saí e fui até o gramado. Em pouco tempo, ouvi um passo apressado atrás de mim, e ali estava a mulher, com o rosto pálido de comoção, e os olhos vermelhos de tanto chorar.

— Meu marido pediu que eu me desculpasse com o senhor, sr. Marshall King — disse ela, parando com olhos tristes à minha frente.

— Por favor, não diga mais nada, sra. King.

Os olhos escuros dela de repente me fitaram com intensidade.

— Seu tolo! — ela sussurrou com veemência, e, virando-se de costas, correu de volta para casa.

O insulto foi tão absurdo, tão inesperado, que eu só consegui ficar parado olhando para ela, assustado. Eu continuava

ali quando meu anfitrião apareceu. Ele havia voltado a ser a pessoa alegre e bonachona de antes.

— Espero que minha esposa tenha se desculpado por seus comentários tolos — disse ele.

— Ah, sim... sim, com certeza!

Ele colocou a mão em meu braço e andou comigo pelo gramado, de um lado a outro.

— Não leve isso a sério — disse ele. — Eu ficaria muito chateado se você reduzisse sua visita em uma hora que fosse. A verdade é que não há motivo para haver nenhum segredo entre parentes; a verdade é que minha pobre esposa é incrivelmente ciumenta. Ela odeia que alguém, homem ou mulher, se coloque entre nós por um instante que seja. O sonho dela é viver em uma ilha deserta em um eterno tête-à-tête. Isso justifica as atitudes dela que estão, confesso, a essa altura, não muito distantes de virar obsessão. Diga que não mais pensará nisso.

— Não, não, com certeza não.

— Então, acenda este charuto e venha comigo para ver meus animais.

A tarde toda foi ocupada por essa inspeção, que incluiu todos os pássaros, mamíferos e até os répteis que ele tinha importado. Alguns estavam livres, alguns enjaulados, poucos dentro da casa. Ele falava com entusiasmo de seus sucessos e fracassos, seus nascimentos e mortes, e gritava animado, como um menininho, quando, enquanto caminhávamos, um pássaro levantava voo da grama, ou um algum quadrúpede curioso fugia para se esconder. Por fim, ele atravessou um corredor comigo, que era adjacente à casa. No fim dele, havia uma porta pesada com uma janelinha, e do lado dela, projetando-se da parede, uma manivela de ferro presa a uma roda e uma polia. Uma fileira de barras se estendiam pela passagem.

— Estou prestes a mostrar a joia de minha coleção — disse ele. — Só há mais um espécime destes na Europa, agora que o filhote de Roterdã morreu. É um felino brasileiro.

— Mas em que ele difere de outros felinos?

— Logo você verá — disse ele, rindo. — Pode fazer a gentileza de abrir aquela portinhola e espiar?

Fiz isso e vi que estava olhando para dentro de uma sala grande e vazia, construída em rocha e com janelas pequenas e gradeadas na parede mais distante. No centro dessa sala, no meio de um clareira de luz dourada do sol, havia uma criatura enorme deitada, grande como um tigre, mas negra

e muito brilhosa. Era simplesmente um gato preto enorme e muito bem-cuidado, e ele se estendia e se banhava naquela luz exatamente como um gato faria. Era muito gracioso, muito vigoroso e diabólico de uma maneira delicada e calma, e por isso eu não conseguia parar de espiá-lo.

— Ele não é esplêndido? — perguntou meu anfitrião, entusiasmado.

— Glorioso! Nunca vi uma criatura tão nobre.

— Algumas pessoas o chamam de puma negro, mas não é um puma, não. Aquela criatura tem quase três metros e meio, da cabeça à ponta da cauda. Há quatro anos, ele era uma bolinha preta de pelos, com dois olhos amarelos bem atentos. Ele me foi vendido ainda filhote na região de selva da nascente do Rio Negro. Eles mataram a mãe dele com uma lança depois de ela matar uma dúzia deles.

— Então, eles são ferozes?

— As criaturas mais ferozes e sanguinolentas da terra. Se falar desse felino para um índio, ele vai morrer de medo. Eles preferem caçar humanos. Essa criatura ainda não sentiu o gosto de sangue de pessoa viva, mas, quando sentir, será um terror. No momento, ele não deixa ninguém entrar em seu espaço. Apenas eu. Nem mesmo Baldwin, o cuidador, ousa chegar perto dele. Quanto a mim, sou a mãe e o pai dele ao mesmo tempo.

Enquanto ele falava, de repente, para minha surpresa, abriu a porta e entrou, fechando-a em seguida. Ao ouvir a voz dele, a criatura enorme se ergueu, bocejou e esfregou a grande cabeça preta e arredondada contra o corpo dele, carinhosamente, enquanto era acarinhada.

— Tommy, vá para a sua jaula! — disse ele.

O enorme felino caminhou até um dos lados do cômodo e se recolheu sob uma grade. Everard King saiu e, pegando a manivela de ferro que mencionei, começou a girá-la. Ao fazer isso, a fileira de barras no corredor começou a correr por uma abertura na parede e fechou a parte da frente da grade, de modo a formar uma jaula. Quando estava na posição certa, ele abriu a porta mais uma vez e me convidou a entrar no local, que estava tomado por um cheiro pungente de umidade peculiar de grandes carnívoros.

— É assim que fazemos — disse ele. — Damos a ele o espaço todo para correr e se exercitar, e então, à noite, nós o colocamos em sua jaula. Você pode deixá-lo solto girando a manivela, ou pode, como viu, prendê-lo da mesma maneira. Não, não, não deve fazer isso!

Eu havia colocado a mão entre as barras para tocar o corpo brilhoso do animal. Ele a puxou para trás com uma expressão séria.

— Eu garanto que ele não é manso. Não pense que porque eu posso tomar certas liberdades com ele, qualquer um possa. Ele é muito seletivo com suas amizades... não é, Tommy? Ah, ele escuta a aproximação de seu almoço! Não é, garoto?

Ouviu-se um passo no chão de pedra, e a criatura havia se erguido e ia de um lado a outro na jaula estreita, com os olhos amarelos brilhando, a língua rubra à mostra entre as fileiras de dentes brancos e assimétricos. Um cuidador entrou com um pedaço de carne em uma bandeja e a jogou entre as barras para ele, que deu um salto com facilidade até a carne, levou-a para um canto e ali segurando-a entre as patas, a estraçalhou, erguendo o focinho cheio de sangue de vez em quando para olhar para nós. Era uma imagem assustadora, mas, ainda assim, fascinante.

— Dá para entender por que gosto dele, não é? — disse meu anfitrião, enquanto saíamos no recinto —, principalmente se considerar que eu o criei. Não foi fácil trazê-lo para cá vindo da América do Sul; mas aqui está ele, são e salvo. E como eu disse, de longe, o espécime mais perfeita da Europa. As pessoas do zoológico estão doidas por ele, mas não posso abrir mãos dele agora. Bem, acho que já falei de meu hobby por muito tempo, por isso o melhor que temos a fazer é seguir o exemplo de Tommy e almoçar.

Meu parente sul-americano era tão fascinado por sua residências e seus curiosos moradores, que eu nem sequer pensei, a princípio, que ele pudesse ter interesses além daqueles. Que ele tinha alguns, e muito intensos, foi algo que logo percebi pelo número de telegramas que ele recebia. Eles chegavam o tempo todo, e eram sempre abertos por ele com muita curiosidade e ansiedade, emoções estampadas em seu rosto. Às vezes, eu imaginava que podia ser correspondência relacionada a corridas de cavalos, e às vezes da Bolsa de Valores, mas com certeza ele tinha assuntos urgentes em andamento que não eram tratados em Suffolk. Durante os seis dias de minha visita, ele nunca recebeu menos de três ou quatro telegramas por dia, e às vezes chegava a receber sete ou oito.

Eu havia ocupado aqueles seis dias muito bem e, ao final deles, tinha conquistado a simpatia de meu primo. Todas as noites, nós ficávamos acordados até tarde na sala de jogos, e ele me contava as mais extraordinárias histórias de suas aventuras na América — histórias tão desesperadas e absur-

das que eu mal conseguia associá-las com o homem baixo, bronzeado e gorducho à minha frente. Em troca, eu contava algumas de minhas lembranças a respeito da vida em Londres, que despertaram muito o interesse dele, a ponto de ele prometer que iria a Grosvenor Mansions para me visitar. Ele estava ansioso para ver o lado mais agitado da vida na cidade, e com certeza, apesar de ser eu a dizer isso, ele não poderia ter escolhido um guia mais competente. Mas apenas no último dia de minha visita ousei abordar o assunto que tinha em minha mente. Contei a ele com franqueza sobre minhas dificuldades financeiras e sobre minha falência iminente, e pedi seu conselho — apesar de esperar algo mais sólido. Ele ouviu com atenção, fumando e pensando.

— Mas tem certeza de que você é o herdeiro de nosso familiar, o Lorde Southerton? — perguntou ele.

— Tenho todos os motivos para acreditar que sim, mas ele nunca me prestaria nenhum auxílio.

— Não, não. Eu soube que ele é mesquinho. Meu pobre Marshall, sua situação tem sido muito difícil. A propósito, soube algo a respeito da saúde de Lorde Southerton recentemente?

— Ele sempre teve a saúde debilitada desde que eu era criança.

— Exatamente... duro na queda, se assim podemos dizer. Sua herança pode demorar. Minha nossa, sua situação é bem complicada!

— Eu tinha um pouco de esperança, senhor, que por saber de toda a situação, sentisse vontade de adiantar...

— Não diga mais nada, meu querido — disse ele, com o máximo de cordialidade —, podemos falar sobre isso hoje à noite, e dou a você minha palavra de que o que estiver ao meu alcance será feito.

Eu não estava triste por minha visita estar chegando ao fim, já que é incômodo quando sentimos que há uma pessoa na casa desejando nossa partida. O rosto fechado e os olhos reprovadores da sra. King tinham se tornado muito odiosos para mim. Ela havia deixado de ser rude — o medo que ela sentia do marido a impedia —, mas ela levou o absurdo ciúme que sentia ao ponto de me ignorar, não falar comigo e sob todos os aspectos tornar minha estada em Greylands o mais desconfortável possível. Sua maneira de agir foi tão ofensiva naquele último dia que eu certamente teria ido embora não fosse a conversa que teria com meu anfitrião naquela noite, conversa que me ajudaria a reconstruir minhas finanças, eu esperava.

Estava muito tarde quando ocorreu ao meu parente, que estava recebendo ainda mais telegramas do que o normal durante o dia, de ir a seu escritório depois do jantar, e só saiu de lá quando todos tinham se recolhido para dormir. Eu o escutei andando pela casa e trancando as portas, como fazia todas as noites, e finalmente se uniu a mim na sala de jogos. Seu corpo atarracado estava envolto em um pijama, e ele usava um par de chinelos turcos vermelhos, sem saltos. Sentando-se em uma poltrona, ele serviu a si um copo de bebida, e eu não pude deixar de notar que o uísque predominava consideravelmente na mistura com a água.

— Minha nossa! — disse ele. — Que noite!

Que noite, de fato. O vento uivava e gritava dando voltas na casa, e as janelas com treliças rangiam e chacoalhavam como se fossem ceder. Enquanto isso, o brilho das luzes amarelas e o sabor de nossos charutos pareciam mais fortes e mais fragrantes.

— Certo, meu caro — disse meu anfitrião —, temos a casa e a noite toda. Deixe-me entender como estão suas finanças e eu verei o que pode ser feito para colocá-las em ordem. Quero saber de cada detalhe.

Incentivado, eu comecei uma longa explicação, na qual todos os meus negócios e dívidas, de meu arrendatário a minha carteira, foram abordados. Eu tinha anotações em meu caderno de bolso e expus meus fatos, fazendo, e disso me gabo, uma explicação muito organizada de minha situação lamentável e bem desorganizada. Mas fiquei deprimido ao notar que o olhar de meu companheiro estava vago e sua atenção, em outro lugar. Quando acontecia de ele fazer um comentário, era tão superficial e sem sentido que eu tinha certeza de que ele não tinha ouvido nada do que eu havia dito. De vez em quando, ele se endireitava e demonstrava algum interesse, pedindo para que eu repetisse ou explicasse com mais detalhes, mas ele sempre voltava a se afundar mais em sua poltrona marrom. Por fim, ele se levantou e jogou a ponta do charuto na grelha.

— Vou dizer uma coisa, meu rapaz — disse ele. — Nunca levei jeito com números, por isso, me desculpe. Você deve anotar tudo em um papel e me dê a quantia por escrito. Eu entenderei quando vir tudo às claras.

O pedido foi animador. Prometi fazer o que ele pedia.

— E agora está na hora de nos deitarmos. Meu Deus! É uma da manhã.

O tique-taque do relógio interrompeu o rugido profundo do vento, que soprava com a força de um rio caudaloso.

— Preciso ver meu gato antes de dormir — disse meu anfitrião. — O vento forte o assusta. Quer ir comigo?

— Claro — respondi.

— Então, caminhe devagar e não diga nada, pois todos estão dormindo.

Atravessamos em silêncio o corredor iluminado com lamparinas e coberto de tapetes persas, e saímos pela porta ao fim dele. O corredor de pedra estava muito escuro, mas havia uma lamparina pendurada em um gancho. Meu anfitrião a pegou e acendeu. Não havia grades visíveis na passagem, então eu soube que a fera estava em sua jaula.

— Entre! — disse meu familiar, e abriu a porta.

Um ronco profundo quando entramos me mostrou que a tempestade de fato tinha despertado a criatura. À luz tremelicante da lamparina nós a vimos: uma massa negra enorme enrolada no canto de sua jaula, lançando uma sombra ampla na parede caiada. Sua cauda batia com irritação na palha.

— O pobre Tommy não está de bom humor — disse Everard King, erguendo a lamparina e olhando para o animal. — Parece um demônio negro, não é? Preciso dar algo para ele comer e ficar mais dócil. Pode segurar a lamparina para mim por um instante?

Eu a peguei da mão dele e ele deu um passo em direção à porta.

— A despensa dele fica logo aqui — disse ele. — Pode me dar licença por um segundo, não pode? — Ele saiu e a porta se fechou com força, um baque metálico.

Aquele som assustador fez meu coração parar no peito. Uma onda repentina de terror me tomou. A vaga percepção de uma traição monstruosa me fez tremer. Fui até a porta, mas não havia maçaneta do lado de dentro.

— Ei! — gritei. — Deixe-me sair!

— Certo! Não faça escândalo! — disse meu anfitrião da passagem. — Você está com a luz.

— Sim, mas não quero ficar trancado sozinho assim.

— Não quer? — Escutei sua risada alta e reverberante. — Não vai ficar sozinho por muito tempo.

— Deixe-me sair, senhor! — repeti com raiva. — Digo que não aceito brincadeiras sem graça como essa.

— Graça é a palavra — disse ele, com mais uma risada. E de repente, ouvi, em meio aos rugidos da tempestade, o ran-

ger estridente da manivela sendo girada e o bater da grade que corria. Meu Deus, ele estava soltando o felino brasileiro!

À luz da lamparina, vi as barras escorregando lentamente à minha frente. Já havia uma abertura de trinta centímetros no fim. Com um grito, agarrei a última barra com as mãos e puxei com a força de um louco. Eu ERA um louco irado e aterrorizado. Por um minuto ou mais, consegui impedir que ela se movesse. Eu sabia que ele aplicava toda a força que tinha na manivela, e que a grade me venceria. Soltei centímetro por centímetro, meus pés escorregando nas pedras, o tempo todo implorando e rezando para que aquele monstro desumano me salvasse daquela morte horrorosa. Supliquei pelo nosso laço de parentesco. Reforcei que era seu convidado; implorei para saber que mal tinha feito a ele. Suas únicas respostas eram o puxar e o empurrar da manivela, e cada alavancada, apesar de todos os meus esforços, fazia com que a barra passasse pela abertura. Agarrado e desesperado, fui arrastado por toda a frente da jaula, até que, por fim, com os pulsos doloridos e os dedos cortados, eu desisti da luta inútil. A grade correu de volta quando eu a soltei, e, um instante depois, escutei o arrasto dos chinelos turcos na passagem e a batida da porta ao longe. Então, tudo ficou em silêncio.

O felino não se movera durante esse tempo. Permaneceu deitado no canto, e tinha parado de bater a cauda. Aparentemente, ver um homem agarrado às barras e arrastado aos berros à sua frente tinha sido algo agradável. Vi seus grandes olhos me observando com firmeza. Eu havia soltado a lamparina quando me agarrei às barras, mas ela ainda estava acesa no chão, e eu fiz um movimento para pegá-la, pensando que de alguma maneira sua luz poderia me proteger. Mas assim que me mexi, a fera deu um rosnado profundo e ameaçador. Parei e fiquei estático, com o corpo inteiro tremendo de medo. O gato (se é que alguém pode chamar uma criatura tão aterrorizante por um nome tão simples) estava a menos de três metros de mim. Os olhos brilhavam como dois discos de fósforo na escuridão. Eles me amedrontavam e, ao mesmo tempo, fascinavam. Não conseguia desviar os olhos deles. A natureza arma truques estranhos conosco em momentos de tamanha intensidade, e aquelas luzes fortes se tornavam menos e mais intensas com um movimento firme de subir e descer. Às vezes, pareciam ser pontinhos de extremo brilho — pequenas faíscas na escuridão —, mas se ampliavam cada vez mais até que todo aquele canto da sala ficasse tomado por uma luz inconstante e sinistra. E então, de repente, elas se apagaram de vez.

A fera tinha fechado os olhos. Não sei se há verdade na antiga ideia de domínio do olhar humano, ou se o felino enorme estava apenas grogue, mas a verdade é que, longe de demonstrar qualquer sinal de que me atacaria, ele apenas descansou a cabeça preta e lisa nas enormes patas dianteiras e pareceu adormecer. Fiquei ali, temendo me mover para não acordar aquele ser assustador de novo. Mas, pelo menos, consegui pensar com clareza agora que os olhos funestos tinham se desviado de mim. Eu estava ali, preso durante a noite toda, com a fera. Meus instintos, sem falar das palavras de vilania clara de quem havia armado a armadilha para mim, me alertavam que o animal era tão selvagem quanto seu dono. Como eu conseguiria mantê-lo afastado até a manhã? Não havia como sair pela porta, nem pelas janelas estreitas e fechadas. Não havia onde me abrigar no cômodo vazio de pedra. Gritar por socorro seria absurdo. Eu sabia que aquela jaula ficava fora da casa principal, e que o corredor que o ligava à casa tinha pelo menos trezentos metros de comprimento. Além disso, com o vento soprando lá fora, meus gritos dificilmente seriam ouvidos. Eu tinha apenas a minha coragem e minha força com as quais contar.

E então, com uma onda nova de horror, meus olhos se voltaram para a lamparina. A vela estava curta, e já quase começava a se apagar. Em dez minutos, estaria totalmente extinta. Eu tinha apenas dez minutos para fazer algo, pois sentia que se fosse deixado no escuro com aquela fera aterrorizante, não conseguiria agir. Só de pensar nisso, eu ficava paralisado. Corri os olhos ao redor daquele recinto da morte, e eles pararam no único ponto que parecia prometer — não direi segurança —, mas um perigo menos imediato e iminente do que o chão.

Eu disse que a jaula tinha uma parte de cima e também de frente, e essa parte de cima permanecia de pé quando a parte da frente passava pela abertura na parede. Era formada por barras com intervalos de poucos centímetros entre elas, uma rede resistente de arame no meio e apoiada por suportes robustos em cada lado. Agora parecia uma grande cobertura com barras acima da criatura agachada no canto. O espaço entre essa armação de ferro e a cobertura devia ter sessenta ou noventa centímetros. Se eu pudesse subir ali, me espremer entre as barras e a cobertura, conseguiria ficar vulnerável só de um lado. Eu ficaria a salvo por baixo, por trás e dos dois lados. Apenas pela parte da frente eu poderia ser atacado. Ali, realmente, eu não tinha proteção; mas, pelo menos, eu ficaria livre da fera quando

ela começasse a andar por seu espaço. Ela teria que fazer um grande esforço para me alcançar.

Seria naquele momento ou nunca, pois se a luz se apagasse, seria impossível. Com um nó na garganta, eu dei um salto, me segurei na borda de ferro da parte de cima e me impulsionei para o alto, ofegante, até subir. Meu corpo se inclinou para baixo, e me vi olhando bem dentro dos olhos terríveis e da boca enorme do felino. Seu hálito fétido chegou ao meu rosto como o vapor de um cozido malcheiroso.

Mas ele parecia mais curioso do que irritado. Com um tremor das costas compridas e pretas, ele se levantou, espreguiçando-se e então, apoiando-se nas patas traseiras, com uma pata firme na parede, ergueu a outra e passou as garras pela rede de metal logo abaixo de mim. Uma unha branca afiada rasgou minha calça — pois posso dizer que ainda estava de pijama — e arranhou meu joelho. Não era um ataque, mas mais um teste, pois quando gritei de dor, ele voltou para o chão, e, saltitando pelo espaço, começou a andar depressa por ele, olhando de vez em quando na minha direção. Eu me afastei até encostar as costas na parede, enfiando-me no menor espaço possível. Quanto mais longe eu ia, mais difícil ficava para ele me atacar.

Ele parecia mais excitado agora do que quando tinha começado a se movimentar, e correu diversas vezes pelo espaço sem fazer barulho, passando várias vezes por baixo do assento de ferro no qual eu estava. Foi incrível ver um animal tão grande passando como uma sombra, com passadas praticamente inaudíveis de suas patas aveludadas. A vela estava muito baixa — tão baixa que mal dava para ver o animal. E então, com um último brilho mais intenso, ela se apagou totalmente. Eu estava sozinho com o felino no escuro!

Em um momento de perigo, ajuda saber que fizemos tudo o que estava ao nosso alcance. E não se pode fazer mais nada além de esperar o resultado em silêncio. Naquele caso, não havia chance de ter segurança, exceto naquele ponto exato onde eu estava. Eu me estiquei e fiquei em silêncio, quase sem respirar, esperando que a fera se esquecesse de minha presença se eu não fizesse nada para lembrá-lo. Imaginei que já deviam ser duas da manhã. Às quatro, estaria claro. Eu não tinha que esperar mais do que duas horas pela luz do dia.

Do lado de fora, a tempestade ainda caía, e a chuva batia sem parar nas janelinhas. Do lado de dentro, o ar fétido e viciado era muito pesado. Eu não conseguia ouvir nem ver o gato. Tentei pensar em outras coisas — mas apenas

uma delas tinha força suficiente para me fazer esquecer de minha terrível posição. Era pensar na maldade de meu primo, em sua hipocrisia sem igual, em seu ódio por mim. Por baixo daquele rosto alegre estava o espírito de um assassino medieval. E conforme eu pensava nisso, via com mais clareza como tudo tinha sido feito. Ele aparentemente tinha ido dormir, como os outros. Sem dúvida, ele teria testemunhas que provassem isso. Então, sem que os outros soubessem, ele tinha saído, entrado na jaula comigo e me abandonado. A história dele seria muito simples. Ele teria se despedido e me deixado terminar meu charuto na sala de jogos. Eu teria descido, por conta própria, para dar mais uma olhada no felino; e entrado no local sem notar que a jaula estava aberta, e desse modo teria sido pego. Como um crime assim poderia ser atribuído a ele? Suspeita, talvez… mas prova, nunca!

Aquelas duas horas passaram terrivelmente devagar. Uma vez, escutei um som baixo, que imaginei ser a criatura lambendo seu pelo. Várias vezes, aqueles olhos esverdeados tinham me espiado na escuridão, mas nunca fixamente, e cresciam minhas esperanças de que minha presença tivesse sido esquecida ou ignorada. Por fim, os primeiros raios fracos de luz entraram pelas janelas — eu os vi primeiro como dois quadrados cinzas na parede preta, e então o cinza se tornou branco, e eu vi minha terrível companhia de novo. E ele também conseguiu me ver!

Ficou evidente para mim que ele estava muito mais perigoso e agressivo do que quando eu o vira pela última vez. O frio da manhã o havia irritado, e ele estava faminto também. Rosnando sem parar, ele caminhava depressa de um lado a outro do recinto, o lado mais afastado de mim, mexendo os bigodes sem parar, e chicoteando a cauda. Quando ele chegava aos cantos, seus olhos intensos sempre se voltavam para cima, para mim, de modo ameaçador. Eu sabia que ele queria me matar. Mas mesmo naquele momento eu me peguei admirando a graça sinuosa da criatura, com seus movimentos longos e ondulantes, o brilho de seus belos flancos, o vermelho intenso da língua brilhante que saía de seu focinho negro. E durante todo o tempo, aquele rosnado ameaçador apenas aumentava. Eu sabia que a situação era crítica.

Era um momento péssimo para morrer daquele jeito — com tanto frio, tanto desconforto, tremendo dentro do pijama fino, estendido naquela grande de tormento. Tentei me preparar para aquilo, elevar minha alma, e ao mesmo tempo, com a lucidez que acomete um homem totalmente desesperado, tentei pensar em meios de fuga. Uma coisa

estava clara para mim. Se aquela parte da frente da jaula voltasse a sua posição, eu poderia ter um refúgio completo. Será que eu conseguiria fechá-la? Eu nem ousava me mexer por medo de atrair o animal para mim. Lentamente, muito lentamente, estiquei a mão até tocar a beirada da frente, a barra final que saía da parede. Para minha surpresa, ela saiu com facilidade quando puxei. Claro que a dificuldade de tirá-la vinha do fato de eu a estar agarrando. Puxei de novo, e cerca de oito centímetros se soltaram. Ela aparentemente corria sobre rodízios. Puxei de novo... e então... felino saltou!

Foi tão rápido, tão repentino, que mal vi acontecer. Simplesmente escutei o rosnado e, um instante depois, os olhos amarelos brilhantes, a cabeça preta achatada com a língua vermelha e os olhos reluzentes estavam prestes a me alcançar. O impacto da criatura chacoalhou as barras nas quais eu estava deitado, até eu pensar (até onde eu conseguia pensar em um momento como aquele) que elas estavam cedendo. O gato ficou ali por um instante, com a cabeça e as patas da frente bem próximas de mim, as patas traseiras se esforçando para encontrar apoio na borda da grade. Escutei as garras raspando enquanto elas se enroscavam na rede metálica, e o hálito da fera me deixou enjoado. Mas seu bote tinha sido mal calculado. Ele não conseguia manter a posição. Lentamente, mostrando os dentes e arranhando as barras com ira, ele escorregou e caiu pesadamente no chão. Rosnando, ele se virou para mim e se encolheu para saltar de novo.

Eu sabia que os momentos seguintes seriam decisivos para meu destino. A criatura tinha aprendido por experiência. Não erraria de novo. Eu tinha que agir depressa, sem medo, se quisesse ter uma chance de salvar minha vida. Em um instante, eu tinha meu plano formado. Tirei meu casaco e o joguei para baixo sobre a cabeça da fera. Ao mesmo tempo, me soltei da beirada, agarrei a extremidade da grade da frente e a puxei desesperadamente.

Saiu com mais facilidade do que eu poderia esperar. Atravessei o espaço, puxando-a comigo; mas, ao fazer isso, mudei de posição e fiquei do lado de fora. Se fosse do outro lado, eu poderia ter saído ileso. Mas acontece que hesitei por um momento ao tentar passar de volta pela abertura que eu havia deixado. Esse momento bastou para que a criatura tivesse tempo de jogar o casaco longe o casaco com o qual eu a havia cegado, e pular mais uma vez. Eu passei pela abertura e puxei a grade assim que o fiz, mas ele agarrou minha perna antes que eu conseguisse puxá-la totalmente. Um toque daquela pata enorme rasgou minha panturrilha

como se fosse uma casca de madeira esfolada por um escarnador. No momento seguinte, sangrando e quase desmaiando, eu estava deitado em cima da palha fedida com uma fileira de barras entre mim e a criatura, que se lançava frenética contra elas.

Ferido demais para me mexer e muito grogue para ter consciência do medo, eu só consegui ficar deitado, mais morto do que vivo, e observar. Ele pressionou o peito amplo e preto contra as barras e tentou me pegar com as patas curvadas, como já vi um gatinho fazer diante de uma ratoeira. Rasgou minhas roupas, mas, por mais que se esticasse, não conseguia me alcançar. Eu já tinha ouvido falar do curioso efeito anestesiante produzido pelas feridas causadas por grandes felinos, e agora estava destinado a passar por isso, pois tinha perdido qualquer senso de personalidade, e estava tão interessado no fracasso ou sucesso do felino que era como se fosse um jogo ao qual eu estivesse assistindo. E então, aos poucos, minha mente passou a criar sonhos estranhos e vagos, sempre com aquela cara preta e a língua vermelha voltando a eles, e assim me perdi no nirvana do delírio, o alívio abençoado daqueles que passam por grandes sofrimentos.

Pensando no curso dos acontecimentos depois, concluí que devo ter ficado prostrado por cerca de duas horas. O que me fez voltar à consciência de novo foi aquele clique metálico forte que tinha sido o precursor de minha terrível experiência. Foi o ruído da trava do cadeado. Então, antes de meus sentidos se tornarem suficientemente claros para entender o que tinham visto, eu notei o rosto redondo e benevolente de meu primo espiando pela porta aberta. O que ele viu evidentemente o surpreendeu. Ali estava o gato, encolhido no chão. Eu estava esticado de costas, com manga de camisa dentro da jaula, a calça rasgada em tiras e uma poça grande de sangue ao meu redor. Vi seu rosto surpreso naquele momento, iluminado pela luz do sol da manhã iluminando-o. Ele olhou para mim e espiou de novo. Então, fechou a porta e aproximou-se da jaula para ver se eu estava mesmo morto.

Não consigo contar o que aconteceu. Eu não estava em boas condições para testemunhar nem para relatar tais acontecimentos. Só posso dizer que de repente eu tomei consciência de que o rosto dele não estava virado para mim, mas para o animal: ele o olhava.

— Bom garoto, Tommy! — exclamou ele. — Bom garoto!

Então, ele se aproximou das barras, ainda de costas para mim.

— Calma, fera estúpida! — ele vociferou. — Calma, rapaz! Não reconhece seu dono?

De repente, até mesmo em meu cérebro atormentado, eu me lembrei das palavras dele, de quando disse que o gosto do sangue transformaria o felino em um monstro. Meu sangue tinha feito isso, mas era ele quem pagaria o preço.

— Saia de perto! — ele gritou. — Saia de perto, seu demônio! Baldwin! Baldwin! Ai, meu Deus!

E então, escutei quando ele caiu e se levantou, e caiu de novo, com um som parecido com um saco sendo arrastado. Seus gritos ficaram mais fracos até se perderem em meio aos rosnados irados. E então, quando eu pensei que ele estava morto, vi, como num pesadelo, uma figura cega, destroçada e coberta de sangue correndo sem parar naquele espaço — e foi o último vislumbre que tive dele antes de desmaiar de novo.

Passei muitos meses me recuperando — na verdade, não posso dizer que me recuperei totalmente, pois até o fim dos meus dias andarei com o auxilio de um cajado como sinal de minha noite com o felino brasileiro. Baldwin, o cuidador, e os outros empregados não conseguiram dizer o que tinha ocorrido quando, atraídos pelos gritos desesperados de seu patrão, eles me encontraram atrás das barras e os restos dele — ou o que depois descobriram ser os restos dele — em poder da criatura que ele tinha criado. Eles o afastaram com ferros em brasa e depois, atiraram nele pela abertura da porta, antes de poderem finalmente me libertar. Fui levado ao meu quarto e, ali, sob o teto de quem pretendera me matar, permaneci entre a vida e a morte por várias semanas. Eles chamaram um cirurgião de Clipton e uma enfermeira de Londres, e em um mês, pude ser levado à estação de trem e voltei, mais uma vez, a Grosvenor Mansions.

Tenho uma lembrança daquela fase, que pode ter sido parte do panorama inconstante criado por um cérebro em delírio, não estivesse tão fixa em minha memória. Certa noite, quando a enfermeira não estava, a porta de meu quarto se abriu, e uma mulher alta de profunda tristeza entrou no quarto. Ela se aproximou de mim e, ao se inclinar, vi que aquele rosto flácido, à luz da lamparina da noite, era o da mulher brasileira com quem meu primo tinha se casado. Ela olhou com intensidade para meu rosto, e sua expressão era gentil como eu nunca tinha visto.

— Está consciente? — perguntou ela.

Eu assenti debilmente, pois ainda estava muito fraco.

— Bem, então, eu só queria lhe dizer que a culpa é sua. Não fiz tudo o que pude por você? Desde o começo, eu tentei tirá-lo da casa. De todas as maneiras, faltando apenas entregar meu marido, eu tentei salvá-lo dele. Eu sabia que ele tinha um motivo para trazê-lo aqui. Sabia que ele nunca mais permitiria que você escapasse. Ninguém o conhecia como eu, que sofria nas mãos dele com tanta frequência. Eu não ousaria lhe contar tudo isso. Ele teria me matado. Mas fiz meu melhor por você. Como as coisas se deram, você tem sido o melhor amigo que já tive. Você me libertou, e eu pensava que nada além da morte conseguiria fazer isso. Sinto muito se você se feriu, mas não posso me culpar. Eu disse que você era um tolo, e foi, mesmo.

Ela saiu do quarto, a mulher amarga e singular, e eu nunca mais a veria. Com o que restou da propriedade de seu marido, ela voltou para sua terra de origem, e fiquei sabendo que mais tarde ela se tornou freira em Pernambuco.

Só muito tempo depois de minha volta a Londres, os médicos me liberaram para trabalhar. Não foi uma permissão muito bem-vinda para mim, pois temia que isso fizesse com que os credores aparecessem; mas foi Summers, meu advogado, o primeiro a tirar vantagem disso.

— Fico muito feliz por ver que Vossa Senhoria está muito melhor — disse ele. — Há muito tempo espero para lhe dar os parabéns.

— O que quer dizer, Summers? Não é hora de brincadeira.

— Estou falando sério — respondeu ele. — Você é o Lorde Southerton há seis semanas, mas tememos que isso retardasse sua recuperação se você ficasse sabendo.

Lorde Southerton! Um dos homens mais ricos da Inglaterra! Não consegui acreditar no que ouvi. E então, de repente, pensei no tempo que tinha passado, e em como ele coincidia com meus ferimentos.

— Então, Lorde Southerton deve ter morrido na mesma época em que me feri?

— A morte dele ocorreu naquele mesmo dia. — Summers olhou com intensidade para mim enquanto falava, e eu tenho certeza, por ele ser muito astuto, que ele tinha adivinhado o verdadeiro estado do caso. Ele parou por um momento como se esperasse uma confidência minha, mas eu não entendia o que poderia ganhar expondo tamanho escândalo de família.

— Sim, uma coincidência muito curiosa — ele continuou, com o mesmo olhar cúmplice. — Claro, você deve saber que

seu primo Everard King era o próximo herdeiro das propriedades. Então, se você tivesse sido estraçalhado pelo tigre dele, ou se alguma outra coisa tivesse acontecido, então é claro que ele seria o Lorde Southerton neste momento.

— Sem dúvida — respondi.

— E ele se interessava muito por isso — disse Summers. — Por acaso, sei que o empregado do falecido Lorde Southerton recebia dinheiro dele para que lhe mandasse telegramas de poucas em poucas horas para contar sobre seu estado de saúde. Isso deve ter ocorrido enquanto você estava lá. Não é estranho que ele quisesse estar tão bem-informado, já que sabia que não era o herdeiro direto?

— Muito estranho — falei. — E agora, Summers, se puder trazer minhas contas e um novo talão de cheques, começaremos a colocar as coisas em ordem.

The End

Muito obrigada por apoiar este financiamento coletivo!

Neste mês foi possível viabilizar a curadoria, tradução, revisão e ilustração do conto *The Brazilian Cat*, original de 1898! A cada mês de assinatura, a Wish continuará resgatando os tesouros do passado em novas edições para os sócios das Relíquias Literárias.

Vamos resgatar estes contos raros juntos?

Relíquia 002/Mai 2020